

## A RESSIGNIFICAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA ATRAVÉS DAS CLASSES HOSPITALARES

PÂMELA PIEPER DOS SANTOS<sup>1</sup>; LIÉSIA BUBOLZ RUTZ<sup>2</sup>; LUI NÖRNBERG<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [pamela.paola916@gmail.com](mailto:pamela.paola916@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [liesiarutz18@gmail.com](mailto:liesiarutz18@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [luinornberg@gmail.com](mailto:luinornberg@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A Pedagogia Hospitalar é uma possibilidade de atuação do pedagogo@ para além dos muros escolares, posta em prática através das classes hospitalares e brinquedotecas. Neste trabalho, objetiva-se expor o perfil do pedagogo@ atuante nas classes, bem como, as exigências requeridas à sua prática. Este estudo é oriundo do Projeto de Ensino Pedagogia Hospitalar: Cenários e Carreiras desenvolvido na Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Pelotas desde 2018, cujo objetivo principal é analisar a prática do pedagogo@ dentro do ambiente hospitalar, possibilitando assim, a ressignificação da atuação deste profissional em outros espaços educativos.

A classe hospitalar é um direito da criança assegurado pela Resolução nº 41 do Conanda (Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente) de 17 de outubro de 1995, onde diz que esse indivíduo possui “Direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar, durante sua permanência hospitalar.”.(BRASIL, 1995). Dessa forma, ela surge como possibilidade da criança continuar seu desenvolvimento biopsicossocial e o vínculo com sua escola de origem, sendo o pedagogo@ hospitalar a ponte entre o paciente/alun@ e a escola, além de evitar possível fracasso e/ou evasão escolar durante sua internação ou pós alta.

Para tanto, é necessário que o pedagogo@ adote práticas que possibilitem a adaptação das atividades curriculares e a valorização do indivíduo como ser integral desenvolvendo assim uma pedagogia da humanização.

### 2. METODOLOGIA

O presente trabalho é proveniente de uma pesquisa qualitativa. Como instrumento metodológico, foi utilizada uma entrevista semi-estruturada com duas pedagogas que atuam na classe hospitalar Escola de Vida, do Hospital São Vicente de Paulo, localizado em Passo Fundo, RS. Para preservar a identidade da entrevistada, será usada a sigla P2, representando a pedagoga citada.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A classe hospitalar tem como objetivo central dar continuidade a formação intelectual da criança internada, mantendo o vínculo do estudante com a escola de origem. P2 descreve como é preservada essa conexão, ao dizer que:

a escola manda por e-mail as atividades que os colegas estão fazendo em sala de aula, nós realizamos essas atividades com eles aqui, quando é necessário a gente vê que a criança tem algum déficit alguma questão

de dificuldade de aprendizagem a gente adapta as atividades e aí nós elaboramos.

Percebe-se neste excerto, a necessidade de que os/as pedagog@s atuantes nesse espaço estejam dispostos a escutar as questões que a criança traz, buscando ressignificar a experiência da hospitalização e utilizar isso em favor desse indivíduo, tendo em vista que e@ tem um repertório amplo de saberes que não devem ser desprezados, mas sim valorizados. Na Escola de Vida, a P2 relata que se

trabalha essas questões assim mais da construção do conhecimento dele de aproveitar toda aquela bagagem que ele já trás né, que isso é a base do nosso trabalho, é a bagagem dele. [...] Então a gente tem que pegar o que eles já trazem e partir dali [...] a gente busca o que é essencial para aquele momento, o que é mais significativo para o aluno.

Esta constatação reforça a importância de valorizar o conhecimento que a criança traz, pois “o saber deve ser descentralizado juntamente com troca de experiências entre profissionais-pacientes-família-instituição, onde todos ‘sabem’, dentro do seu contexto, social, cultural e moral” (DOMINGOS apud SILVA e ANDRADE, 2013, p.43), entendendo-a como um sujeito capaz de criar representações e constatações a partir de sua bagagem cultural e escolar desenvolvida antes do processo de internação. Sendo assim, a bagagem trazida pela criança precisa ser valorizada e respeitada dentro do contexto da classe hospitalar, e serve como uma espécie de fio condutor para a construção das atividades a serem desenvolvidas.

Nesse sentido, é relevante a prática da escuta pedagógica, proveniente da psicanálise, que consiste em “perceber a criança e seus familiares como seres pensantes que, quando chegam ao hospital, já trazem histórias de vida, conhecimentos prévios sobre o que é saúde, doença, e sobre sua ação nessa dinâmica” (FONTES, 2005, p. 124).

Além disso, é preciso levar em conta a saúde emocional do paciente, atentando-se “às manifestações contraditórias, aos pedidos de socorro imbricados nas reações psicológicas como rebeldia e ira” (FERREIRA, 2011, p. 77). Essas exteriorizações são exemplificadas nas reações dos adolescentes, através da fala da P2, que relata: *“os adolescentes eles já reagem de uma forma diferente. Têm adolescentes que no início se fecham, que você demora a conseguir essa abertura de chegar e trabalhar com eles. Muitas vezes tem a questão da revolta [...]”* Conforme este relato percebe-se que a aproximação com o público jovem é mais complicada se comparada com as crianças. Este fato, pode estar atrelado a concepção diferente que os pequenos têm sobre a vida, em relação aos maiores. Cabe dizer ainda, que a fase da adolescência é um momento de transição entre a infância e a vida adulta a qual exige um amadurecimento, e aliado a isso, o aumento de responsabilidades e desafios.

Portanto, ao encontrar-se internado, o adolescente começa a se questionar os motivos pelos quais levaram ele a estar ali ou ainda o porquê de isso estar acontecendo com ele. Pensando nisso, o trabalho d@s pedagog@s na classe hospitalar é fundamental no sentido de oferecer total transparência em tudo que será realizado, conversando com as crianças e adolescentes de modo a não omitir nada que esteja sendo questionado por el@s, evitando assim, criar falsas esperanças em relação a cura, a melhora, ou a alta, o que pode ocasionar momentos de tristeza maior para a família dos sujeitos internados caso se depare com o óbito do paciente. Esta ação de transparência e compromisso com a verdade é amparada por lei. O conhecimento adequado da doença é um direito

previsto conforme a Resolução nº 41 do CONANDA, de 13 de outubro de 1995 (Publicada no Diário Oficial da União de 17 de out. de 1995), no que diz respeito ao direito 8 ao dizer que é: “Direito de ter conhecimento adequado de sua enfermidade, dos cuidados terapêuticos e diagnósticos a serem utilizados, do prognóstico, respeitando sua fase cognitiva, além de receber amparo psicológico, quando se fizer necessário”. Assim sendo, é fundamental que este direito seja assegurado, para que a criança e/ou adolescente possam ter a clareza do que está acontecendo, além de aumentar a confiança na relação entre pedagog@ e paciente, estreitando o vínculo entre ambos. Desta maneira, a figura do pedagog@ poderá ser vista como uma referência para o sujeito internado, proporcionando o acolhimento e principalmente uma educação que fortaleça a ampliação do olhar e da escuta neste novo contexto de aprendizagens para a criança e/ou adolescente, o que exige de cada pedagog@ saberes e práticas diferenciadas daquelas realizadas na escola.

#### 4. CONCLUSÕES

O/A pedagog@, no contexto hospitalar, tem grande importância ao promover a continuidade do desenvolvimento infanto-juvenil. Sua atuação, através das classes hospitalares, permite que a criança ou adolescente internado consiga continuar sua formação, além de manter parte de sua rotina, a partir da manutenção do vínculo do estudante com a escola de origem. Dessa forma, o aproveitamento de saberes que o paciente e sua família trazem de suas vivências anteriores, contribuem para uma melhor relação entre estudante e pedagog@, e aproxima a criança dos conteúdos a serem trabalhados a partir de um currículo flexível e adaptado de acordo com a bagagem e as necessidades advindas de cada criança e/ou adolescente hospitalizado, com enfoque naquilo que é mais significativo e essencial para o momento vivido.

Percebemos que a prática pedagógica necessita ser pautada no diálogo, na valorização da criança e/ou adolescente como indivíduo e não apenas como um número de prontuário. Essa ação, possibilita a humanização do espaço hospitalar ao enxergar as necessidades desse sujeito, principalmente no que tange as questões emocionais, e a garantia dos direitos da criança e/ou adolescente hospitalizado.

Por fim, cabe ressaltar que a classe hospitalar é um espaço de suma importância tanto para a criança e/ou adolescente, assim como para os pedagog@s envolvid@s, pois além de permitir a continuidade do desenvolvimento cognitivo e social do sujeito internado, torna-se um espaço possível de atuação para o/a pedagog@, resignificando assim a profissão d@ Pedagog@, ao possibilitar a este outros campos de trabalho. O que nos leva a perceber a capitalização do curso de Pedagogia para além dos muros escolares.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APARECIDA, C.T.F. **Pedagogia Hospitalar: Uma ponte entre saúde e educação**. 2011. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Faculdade Calafiori, São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais.

BRASIL. Resolução nº 41, de 17 de outubro de 1995. Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 17 de outubro de 1995. Acessado em 15 set. 2020. Disponível em:

<[https://www.mpdft.mp.br/portal/pdf/unidades/promotorias/pdij/Legislacao%20e%20Jurisprudencia/Res\\_41\\_95\\_Conanda.pdf](https://www.mpdft.mp.br/portal/pdf/unidades/promotorias/pdij/Legislacao%20e%20Jurisprudencia/Res_41_95_Conanda.pdf)>.

FERREIRA, P. K. R. K. **O apoio psicopedagógico ao paciente em tratamento prolongado:** uma investigação sobre o processo de aprendizagem no Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia.

FONTES, R. S. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.29, p. 119-138, 2005. Acessado em 16 set. 2020. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782005000200010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782005000200010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>.

SILVA, N.; ANDRADE, E. S. **Pedagogia Hospitalar:** fundamentos e práticas de humanização e cuidado. Cruz das Almas: UFRB, 2013. Acessado em 16 set. 2020. Disponível em: <<https://www1.ufrb.edu.br/editora/component/phocadownload/category/2-e-books?download=43:pedagogia-hospitalar-fundamentos-e-praticas-de-humanizacao-e-cuidado>>.